

**ENTRE O ÓPIO DO POVO E O ESPORTE PROLETÁRIO:
A QUESTÃO DO FUTEBOL NA IMPRENSA ANARQUISTA E COMUNISTA
BRASILEIRA
(1917-1937)**

Eriberto José Lessa de Moura

RESUMO

Este artigo propõe analisar as concepções sobre o futebol dos grupos políticos e culturais localizados nos periódicos identificados com os ideários anarquistas e comunistas. Tem-se como referência as perspectivas das organizações que tiveram um significativo enraizamento no seio dos trabalhadores, localizadas nas regiões de maior concentração operária (Rio/São Paulo) e que atuaram no período de tempo (1917/1937) no universo proletário. As fontes levantadas parecem comprovar que as perspectivas de anarquistas e comunistas contribuíram para a relação entre a consciência operária e o fenômeno futebolístico.

Palavras-chaves: futebol, lazer operário, memória

ABSTRACT

This article proposes to analyze the conceptions on football's political and cultural groups located in some journals, which are identified with anarchists and communists' ideas. It is had as reference the perspectives of the organizations that had a significant rooting process in the workers' field, located in the regions of bigger laboring concentration (River/São Paulo) and that they had acted in the period of time (1917/1937) in the proletarian universe. The raised sources seem to prove that the perspectives of anarchists and Communists had contributed for the relation between the laboring conscience and the football phenomenon.

Key-words: soccer, leisure workers, memory

RESUMEN

Este artículo propone analizar los conceptos del fútbol de los grupos políticos situados en algunos diarios, que se identifican con ideas de los anarquistas y de los comunistas. Se tiene como referencia perspectivas de las organizaciones que tenían un proceso que arraigaba significativo en campo del trabajadores, situadas en las regiones de mayor concentración trabajadora (río/São Paulo) y que habían actuado en el período del tiempo (1917/1937) en el universo proletario. Las fuentes levantadas se parecen probar que las perspectivas de anarquistas y de comunistas habían contribuido para la relación entre la conciencia que trabajaba y el fenómeno del fútbol.

Palabras-clave: fútbol, los trabajadores de ocio, de la memoria

Este artigo propõe o estudo das concepções sobre o futebol dos grupos políticos e culturais localizados nos diversos órgãos de difusão das idéias (periódicos) identificados com o ideário anarquista e comunista. O texto toma como base

particularmente as perspectivas daquelas organizações que tiveram um significativo enraizamento no seio dos trabalhadores, localizadas nas regiões de maior concentração operária (Rio/São Paulo) e que atuaram no período de tempo (1917/1937) em que ambas as tendências tiveram uma influência proporcional no universo proletário.¹

Apesar de ser considerado por vários intelectuais importantes como uma das instituições fundamentais da cultura do nosso país, não é difícil percebermos que o futebol ainda não foi suficientemente tratado pelas ciências sociais brasileiras.² Mesmo reconhecendo o esforço de alguns pesquisadores, pioneiros no estudo científico dos vários aspectos do futebol no Brasil³, acreditamos que há a necessidade de aumentarmos o número de pesquisas sistemáticas sobre o tema.

Essa escassez de análises sistemáticas radicaliza-se quando o tema é o futebol no universo da cultura operária. Em torno dessa esfera temática parecem existir diversos preconceitos acadêmicos, alguns dos quais são compartilhados por este tema e por todo o campo da cultura proletária fora da fábrica.

Mesmo reconhecendo o esforço científico dos trabalhos⁴ que elegeram como objetos as formas de lazer⁵ dos trabalhadores, o seu cotidiano e o seu tempo disponível⁶, bem como, mais particularmente, os avanços das pesquisas que versam sobre a história social do futebol⁷, entendemos que é necessário um estudo mais detalhado sobre a relação da classe trabalhadora com a prática futebolística e as concepções do movimento operário acerca desta prática.

O trabalho que mais se deteve na problemática da relação do movimento operário com o futebol foi à dissertação de mestrado de Fátima Antunes: *Futebol de Fábrica em São Paulo*. No tratamento de seu principal tema, a autora teve necessidade de refletir sobre as opiniões dos grupos anarquistas e comunistas relativas ao futebol. Nesse sentido, no primeiro capítulo, existe o desenvolvimento de uma reflexão importante sobre as idéias acerca deste esporte sustentadas pelos setores anarquista e comunista do movimento operário.

De maneira sintética, podemos dizer que Antunes concebe que anarquistas e comunistas tiveram, exclusivamente, uma percepção equivocada e simplista do fenômeno futebolístico no seio da classe operária e da sociedade brasileira. Os

¹ A escolha centrada nos anarquistas e comunistas está relacionada por entender que estas duas correntes influenciaram e tiveram uma significativa participação na vida do movimento operário brasileiro. No entanto, essa escolha não invalida e nem esquece “a multiplicidade de experiências e a pluralidade de expressões”. (BATALHA: 1990:08). Portanto, seguiremos as considerações de BATALHA (1990:118), onde ele afirma que não só foram os anarquistas e comunistas que tiveram presença no movimento operário, dando “uma noção explícita de que a classe operária é, necessariamente, revolucionária”, possuindo apenas dois momentos distintos, ou seja, o primeiro, anarquista (até 1920) e o segundo, comunista (anos 20/30). “Apesar das evidências empíricas que comprometem a validade dos paradigmas anarquista e comunista, muitos trabalhos produzidos nessa área permanecem presos ao quadro teórico dominante”.(BATALHA:1990: 118).In: Ciências Sociais Hoje, Vértice, ANPOCS, 1990.

² DAMATTA (1982); CALDAS (1990); ROSENFELD (1993); PEREIRA (2000),entre outros.

³ Enfoque antropológico, psico-social, sociológico, histórico-social, etc.,.

⁴ FOOT HARDMAN (1980; 1983); RAGO (1985); DE DECCA (1987); ANTUNES (1992); CAVALCANTI (1997), etc.,.

⁵ Festas de datas comemorativas, piqueniques, festas ao ar livre, passeios ao litoral, festivais de propaganda, teatro social, baile familiar, quermesse, etc.

⁶ Utilizaremos o termo “tempo disponível” ao invés do termo “tempo livre”, por entendermos que o tempo fora da fábrica, fora do ofício e das obrigações, está ligado de alguma maneira com o mundo da produção capitalista. Conforme Marcelino (1990: 29), tempo algum pode ser considerado livre de coações ou normas de conduta social numa sociedade regida pelo capital.

⁷ ANTUNES (1992); ARAÚJO (1996) e PEREIRA (1998).

anarquistas, devido aos seus pressupostos doutrinários, teriam uma postura alienada das principais questões do mundo moderno e, portanto, não conseguiram compreender o papel central e irreversível que o futebol assumiria no lazer da classe operária e, desse modo, combateram tenazmente esse esporte na sua imprensa e na sua militância. Ainda segundo a autora, os comunistas inicialmente teriam sublinhado apenas as possibilidades da prática futebolística ser usada como “arma ideológica” das classes dominantes na sua luta por hegemonia e, posteriormente, teria reconhecido o futebol como uma forma de lazer legítima desde que subordinada aos objetivos ideológicos e políticos do “partido da classe operária.” Assim, Antunes concebe que anarquistas e comunistas foram derrotados pela realidade e não tiveram condições de adaptar satisfatoriamente as suas opiniões à efetividade da popularização do futebol no seio da classe operária. Os anarquistas teriam sido anacrônicos e os comunistas teriam oscilado entre esse anacronismo e a utopia do “futebol proletário”.

Na verdade, em nossa concepção, a autora reafirma, de maneira sofisticada, as opiniões correntes que sustentam a incapacidade de a esquerda brasileira lidar de maneira complexa com o fenômeno do futebol. Este artigo busca inserir-se nessa discussão tanto no sentido de contribuir para o aumento da pesquisa relativa ao tema em foco como para questionar significativamente os resultados teóricos alcançados por Fátima Antunes.

Nesse sentido, também procuramos contribuir para o resgate de fontes primárias e secundárias relativas à história da relação entre o movimento operário e o futebol, bem como para o aprofundamento de um dos aspectos relevantes dos estudos do lazer⁸ e do cotidiano operário.

Dessa maneira, partimos da hipótese de que as concepções de anarquistas⁹ e comunistas¹⁰ sobre o futebol que aparecem nos periódicos em forma de artigos, notas e editoriais no período focalizado, foram complexas e possuidoras de significativas contradições; pressupomos que ambas as correntes, mesmo de maneira diversa, tanto contribuíram para constituir uma tradição de preconceitos da esquerda revolucionária em relação ao contato dos trabalhadores com o futebol como influenciaram significativamente para o sublinhamento das reais, mesmo que não exclusivas possibilidades de manipulação da consciência operária por meio do futebol e, portanto, ajudaram a constituir uma tradição de esquerda centrada na preocupação com a autonomia política e cultural dos trabalhadores.

⁸ Entendemos o Lazer como: “A cultura, compreendida no seu sentido mais amplo, vivenciada (praticada ou fruída) no tempo disponível”. (Marcellino:1990: 31).

⁹ Utilizaremos o termo “anarquistas” englobando as diferentes tendências. AZEVEDO (1996) utiliza os termos “Anarquistas não-Sindicalistas” e “Anarco-Sindicalistas”. MAGNANI (1982) designa os termos “Anarco-Comunismo” e “Anarco-sindicalismo”. BATALHA (2000: 24) prefere os termos “Anarco-Comunista” e “Anarco-Individualismo”. Para este autor “as duas correntes estavam longe de ser internamente homogêneas; em ambas havia, por exemplo, aqueles que defendiam e aqueles que se opunham à participação na luta sindical”. O certo é que os anarquistas que defendiam a atividade sindical viam-no “como principal meio de atuação dos libertários no seio da população trabalhadora”. (AZEVEDO:1996: 58-9). Já os anarquistas, que não viam com bons olhos os sindicatos, aconselhavam mesmo assim, os trabalhadores a participarem destes, pois “de toda a forma o anarquista não age mal frequentando os sindicatos: mais unicamente para fazer propaganda libertária”. (LB, nº 222, 11/07/1908, In: MAGNANI:1982: 85).

¹⁰ Englobaremos aqui os Socialistas, Trotskistas e Socialistas-Sindicalistas.

Tentaremos fundamentar, a partir da apresentação e rápida análise de algumas das fontes existentes sobre o tema, a plausibilidade de nossa hipótese.¹¹

Desde o início do movimento operário no Brasil, os seus militantes preocuparam-se com a reflexão sobre as manifestações culturais da classe trabalhadora no universo do trabalho e também nos momentos dedicados ao lazer.

No ano de 1908, quando se realizou o II Congresso Operário Estadual de São Paulo¹², foram desenvolvidos vinte e dois temas e no 9º tema se discutiu a criação pelos sindicatos de centros dramáticos sociais e a promoção de palestras no intuito de entreter e educar seus sócios; e também se tratou da organização de bailes e de jogos nas atividades que tinham como objetivo o aumento da frequência à sede social. Evidenciou-se uma preocupação em discutir as formas de lazer possíveis e permissíveis na visão dos militantes operários, tanto para aglutinar os trabalhadores como para educá-los no aspecto doutrinário.¹³

O futebol tornou-se assunto em jornais libertários, os quais falavam, por exemplo, sobre a “falta de consciência política” demonstrada pelos operários por preferirem participar do jogo de futebol em detrimento das reuniões em suas associações.¹⁴ Já no ano de 1906, o periódico libertário *A Terra Livre* comentava sobre a “inutilidade” do futebol, que só causaria um esforço brutal aos operários:

É triste o espetáculo presenciado quando os operários da Votorantin *saem* exaustos (...) Os operários arrastam-se penosamente (...) Em tudo e por todos os lados somos explorados.(...) Quanto ao *foot-ball*, o caso foi assim. Um grupo de 10 ou 12 (alguns já com netos) foi pedir ao gerente licença para fazer um jogo de *foot-ball*. Os patrões gostam de que os operários gastem as suas energias nestas coisas e por isso o pedido foi aceito (...) decerto para divertir os amáveis burgueses. O escravo é também palhaço.

Dias depois, *foram* os jogadores dizer ao gerente, que saindo às 8 e meia, não tinham tempo para preparar o campo de jogo.

(...) Ora, em vez de pedir isso, porque não pediram a abolição do serão, coisa muito mais necessária?(...)

(...) Entretanto, isto seria muito mais necessário e útil do que o esforço brutal e *inutil* do *foot-ball* (...).¹⁵

¹¹ “Qualquer plausibilidade que tal historiografia possa ter, funda-se em definir muito estreitamente os objetivos de sua investigação. A classe operária é considerada basicamente separada das outras classes, e somente certos aspectos de sua prática são julgados dignos de considerações, (...) De qualquer modo seria difícil negar que tais lutas foram decisivas para o nível e orientação da acumulação do capital, do nível de emprego, e outros temas igualmente importantes”(HALL & PINHEIRO:1985: 97).

¹² Ver em RODRIGUES, Edgar. **Alvorada Operária**. Congressos Operários no Brasil, p. 30. Ver também em PINHEIRO, Paulo S. & HALL, Michael M., p. 91-2. **A Classe Operária no Brasil**: documentos (1889 a 1930), V. 1- O movimento operário.

¹³ “As formas de evasão do cotidiano tida como legítimas, negam um campo específico de vida lúdica, associando-se à noção do divertimento instrumental e moralmente sadio”.(Fausto:1977: 87).

¹⁴ “É sintomático que os associados da UNIÃO DOS OPERÁRIOS DA CONSTRUÇÃO CIVIL do Rio de Janeiro reclamarem da ‘falta de consciência’ dos serventes que preferiam o jogo de futebol às reuniões associativas”. (O COSMOPOLITA, 28/10/1916), In: CAMPOS:1988: 37-8.

¹⁵ A TERRA LIVRE, nº 22, 09/12/1906.

Percebe-se, na passagem acima, a não tolerância, nesse momento específico, dos anarquistas com a prática do futebol pelos operários. Os militantes libertários tinham caracterizado o jogo como elemento alienante, que perpetuaria a dominação burguesa ao desviar a atenção dos operários dos assuntos realmente importantes. Em 1917, apareceu em outros periódicos anarquistas, como *O GRAPHICO* e *O COSMOPOLITA*, colunas versando sobre o futebol, também com opiniões desfavoráveis a este esporte.¹⁶

Uma das primeiras expressões de tolerância com o futebol no meio operário apareceu de maneira ambivalente no transcorrer do ano de 1919. Ambivalente porque no periódico anarquista *A PLEBE* publicou-se, ao mesmo tempo, colunas com opiniões contrárias à prática do futebol¹⁷ e anúncios¹⁸ convocando a classe operária para participarem de festivais¹⁹ nos quais estavam programadas atividades esportivas, com destaque para as partidas de futebol, que eram concebidas como atrativos.

Como sabemos, um novo quadro histórico tomou corpo nos anos de 1917-1922. Nesse período, marcado pela intensa mobilização do movimento operário, pelo ápice e a fragilização relativa dos grupos anarquistas, bem como pela influência da Revolução de Outubro fortaleceram-se os grupos marxistas e foi criado, em 1922, o Partido Comunista do Brasil, tendo como figuras mais influentes os ex-anarquistas Astrojildo Pereira e Otávio Brandão.

¹⁶ “Os aprendizes *attualmente* só cogitam de uma cousa: é do foot-ball. *Elles* são capazes de dizer de côr os nomes de todos os jogadores que compõem os *teams* dos *clubs* de *foot-ball* (...) Quem pretendesse lóbrigar no mostruário do que vimos *fallando* o nome de qualquer varão ilustre pela sua sabedoria e virtudes perdia o seu tempo. Nem um poeta, nem um *philosopho*, nem um estadista. Aquilo não era mostruário, era um campo de *foot-ball immenso*...”. (*O GRAPHICO*, 01/05/1917).

“Segundo estamos informados os caixeiros (...) São amantes *estremozos* do *sport*. Todas as segundas feiras discutem acaloradamente a *vitoria* deste ou daquele *club* de *foot-ball* (...) Nenhum deles se interessa com a sua associação de classe”. (*O COSMOPOLITA*, nº 19, 15/10/1917).

¹⁷ Na coluna intitulada FARPEANDO, apareceu o seguinte comentário: “(...) Num dos *principaes* matadouros *scientificos* desta cidade, que teve nestes dias em cura um moço desses que andam o dia inteiro a dar ponta-pés em uma bola de *foot-ball* não é nada mais, nada menos, que uma retrocessão à nossa existência ancestral (...)”. (*A PLEBE*, nº 17, 14/06/1919).

Em outro número foi publicado: “Tenta-se desorientar os ferroviários (...) Os diretores da S.P.R (São Paulo Rainway) no intuito de desviar a *atenção* dos operários da mesma empresa (...) Tiveram a idéia de organizar um clube de *foot-ball* com a boa intenção de fazer com que ‘os seus operários passem a vida o mais alegremente possível’. (...) *Mandam nos* aos domingos dar patadas como burros loucos, no meio de um pasto(...)”. (*A PLEBE*, p. 02, 07/09/1919).

Numa nota intitulada POR CAUSA DO FOOT-BALL, apareceu: “Travando-se de razões por causa do *foot-ball*, dois operários da fábrica de cordas Henrique Maggi (...) Agrediram-se hoje mutuamente (...) Naturalmente, os dois briguentos nunca pensaram em se associar e defender seus interesses. Pois com a energia e a coragem que demonstraram, melhor fariam se as empregassem em melhor causa”. (*A PLEBE*, 25/09/1919).

Em 1º de Outubro, publicou-se uma nota intitulada LIGA CONTRA O FOOT-BALL. Comentando que: “Na residência do literato Lima Barreto, no Rio, realizou-se uma reunião na qual tomaram parte senhoras e cavalheiros, resolvendo-se mover uma intensa propaganda contra a mania *foot-ballesca*, que desvirtua as diversões *sportivas*, entregando-se a excessos deploráveis”. (*A PLEBE*, P. 01, 01/10/1919).

¹⁸ “GRANDE FESTIVAL NO JARDIM DA ACLIMAÇÃO- Domingo, 21 de Setembro. PROGRAMMA: *Match* de *Foot-ball*, corridas, exercícios de *gymnástica*, etc.”. (*A PLEBE*, P. 4, 12/09/1919). Obs: nos dias 13,14,16,18,19 e 20 de Setembro, aparece este mesmo anúncio neste periódico.

¹⁹ A tradicional ‘festa de propaganda’ é substituída por festivais, piqueniques e festas ao ar livre, onde o aspecto lúdico coletivo é o principal. “Tais festas, bem como os festivais ao ar livre, eram promovidos, via de regra, em benefício das associações de classe, de jornais operários, de ‘escolas livres’, ou mesmo em solidariedade a militantes presos e deportados, ou ainda para arrecadação de fundos coletivos, durante a eclosão de greves”. (*FOOT HARDMAN*:1980: 99).

Surgiu, então, no interior do movimento operário brasileiro uma corrente que se posicionou de maneira antagônica aos anarquistas, em termos de concepções relativas ao socialismo e às formas de organização e de luta da classe trabalhadora.

Até fins de 1919, os comunistas e os anarquistas teriam um convívio tranqüilo, não havendo grandes divergências imediatas entre ambos.²⁰ No entanto, o embate de idéias tornou-se inevitável; principalmente quando os anarquistas conseguiram diferenciar entre as notícias falsas dos jornais burgueses, que difamavam a revolução proletária na Rússia, das notícias que chegavam da Europa através de fontes consideradas seguras, às quais informavam que “os socialistas bolcheviques, marxistas como sempre, pretendiam constituir um governo forte, centralizado e despótico”²¹. Com isso, os anarquistas já não se mostravam tão dispostos a conviver “fraternalmente” com os comunistas.

DULES²² afirma que, ao final de 1920, inicia-se uma grande campanha antibolchevista, feita pelo periódico *A PLEBE*. Iniciou-se um embate que perdurará por todo o período da década de vinte e anos trinta, com sucessivas tréguas repentinas e mútuos ataques.²³ É dentro deste processo que foram construídas, pelos militantes anarquistas e comunistas, propostas diferentes sobre a organização do cotidiano e do lazer dos operários.

O crescimento da participação dos comunistas nos sindicatos se evidenciou. Segundo BATALHA²⁴, os militantes comunistas fizeram aliança com a Confederação Sindicalista Cooperativista Brasileira (de base reformista) visando reduzir a influência dos anarquistas nos sindicatos e tomar-lhes o controle dessas organizações. No III Congresso do PCB, realizado em fins de dezembro de 1928 e início de janeiro de 1929, os comunistas discutiram o “trabalho dos sindicatos operários”²⁵, objetivando uma ação de propaganda mais eficaz com o intuito de arregimentar quadros para as associações e sindicatos.

O periódico marxista *A VOZ DO POVO*, em meados de 1920, em sua coluna intitulada “*DOCTRINA SYNDICAL*”, apresentou um discurso pela necessidade de se criar uma escola revolucionária em prol do desenvolvimento da juventude e da propaganda associativa, defendendo a participação da mocidade em atividades esportivas:

“(…) E o que é que alimenta ou pode alimentar a vocação da mocidade de hoje e que não pode ser apresentado? A música, o *theatro*, a pintura, o *sport*, etc., afinidades estas em que se *devidirá a escola* (...)”.²⁶

²⁰ Em 1919, os comunistas colocam uma circular, condenando a repressão policial, exercida no Rio Grande do Sul, contra trabalhadores, no periódico anarquista *A PLEBE*, do dia 14/09/1919.

²¹ HENRIQUE MALATESTA, em *A PLEBE*, nº 89, 13/11/1920.

²² 1977: 136.

²³ “A trégua voluntária na publicação de polêmicas entre anarquistas e bolchevistas, iniciada no princípio de 1921, prolongou-se por mais um ano”.(DULES:1977: 144).

Obs: Um dos momentos de aproximação entre ambos durante os anos 20/30, acontece, por exemplo, no movimento antifascista.

²⁴ 2000: 36.

²⁵ Segundo ASTROJILDO PEREIRA, “Se afronta falhas que apontam a debilidade da ação dos comunistas no interior dos sindicatos, e uma delas é a não inclusão, no programa da maioria dos sindicatos, principalmente nos de orientação revolucionária, de benefícios e vantagens de natureza beneficente, cultural e recreativa, destinadas a prender as massas em suas organizações”. (1962: 122).

²⁶ Em *A VOZ DO POVO*, 15/02/1920.

Como dito anteriormente, os anarquistas viram com desconfiança e hostilidade os clubes de futebol e as outras associações esportivas, mesmo que às vezes matizassem essa posição. Os comunistas foram dando progressivamente mais importância ao esporte, em especial ao futebol, no transcorrer dos anos 20. Estes alimentaram a construção de um discurso cada vez mais oposto ao dos anarquistas. Elaboraram, então, o discurso do “esporte proletário”²⁷. Os libertários seguiram mais apegados às suas opiniões anteriores no que se refere à atividade esportiva. Pelo menos, se levarmos em conta as fontes de época que tivemos oportunidades de pesquisar, bem como os depoimentos de militantes anarquistas que viveram aquele período; vejamos, por exemplo, a significativa declaração do militante libertário Edgar Rodrigues, onde este comenta as comemorações do 1º de Maio de 1928:

“(…) A mudança das manifestações, no 1º de Maio de 1928, foram colossais. Para uma parte, resumiam-se em obtusas ‘festas do trabalho’, com ‘jogos de futebol’. (...) O 1º de Maio, que já fora no Brasil um dia de reivindicações e de protestos, tinha agora uma nova fisionomia, era o dia propício para campanhas eleitorais, para suplicar votos aos trabalhadores, (...)”²⁸

Em uma postura nitidamente diversa, o jornal carioca *A NAÇÃO*, simpatizante da perspectiva comunista, no seu número de 9 de Abril de 1927, incentivou os participantes do comício da Praça Mauá à manifestação do desportismo operário:

“Entre os números da comemoração do 1º de maio (...) Não pode faltar a manifestação do desportismo operário. (...) Que seja o 1º de Maio um motivo de congregamento dos *clubs* desportivos proletários para o lançamento das bases de uma organização desportiva operária [...]”.

Mesmo levando em consideração o argumento de RUBIM²⁹, onde este afirma que, nos anos 20, não existia uma política cultural comunista e que a preocupação do PCB com essa esfera era muito restrita na época, não podemos negar que havia uma discussão, em jornais comunistas ou em periódicos simpatizantes, e em outras esferas, como nos sindicatos e associações operárias, acerca das questões que atingiam e limitavam os espaços culturais e de lazer da classe trabalhadora. Eram questões levantadas nessas instâncias³⁰: formação de clubes de futebol e associações esportivas não atreladas ao esporte oficial, mobilização da juventude operária em atividades esportivas exclusivamente proletárias e autogestões da prática esportiva nos bairros operários.

²⁷ Os jornais *A NAÇÃO* (1927), *A CLASSE OPERÁRIA* (1928) e *O INTERNACIONAL* (1928/29), publicaram vários artigos e colunas sobre a necessidade da formação do “esporte proletário” em nosso país.

²⁸ RODRIGUES:1976: 304-6.

²⁹ 1982:135: 161.

³⁰ Nos jornais *A NAÇÃO*, *A CLASSE OPERÁRIA* e *O INTERNACIONAL*, apareceram temas como: futebol burguês versus futebol proletário; o futebol na empresa e os males que causava ao operariado; o *sport* como instrumento de luta social, entre outros.

Conforme BATALHA³¹, algumas associações, particularmente aquelas que, já nos anos 1920, estavam sob influências dos comunistas, passaram a estimular a criação de times de trabalhadores não militantes. Portanto, nesse momento, os comunistas enfatizaram a necessidade de o proletariado criar e desenvolver times de futebol. Em contrapartida, os patrões perceberam que a formação de times de futebol nas fábricas possibilitava o desvio dos trabalhadores de suas organizações operárias e investiam na criação destes³².

Os militantes comunistas divulgaram suas observações sobre a necessidade da formação de um esporte proletário que combatesse o esporte burguês:

“Porque somos pelo esporte proletário? Primeiro: porque esse *constitue* um dos meios de arrancarmos das garras da *burguezia* uma *parcella* importante de trabalhadores. Segundo: porque conseguiremos que muitos companheiros (...) *amonte* nas *sédes* dos respectivos sindicatos. Terceiro: *aquelles* que são jogadores de *clubs burguezes* converte-se-ão em fervorosos esteios dos organismos operários, emancipando-se pelo menos esportivamente da exploração da *burguezia* [...]”.³³

No início da década de trinta, as concepções dos grupos libertários e comunistas sobre a prática do futebol pela classe operária continuaram diversas. Conforme afirma DE DECCA³⁴, a imprensa operária denunciou com veemência, no final dos anos 20 e início dos anos 30, a presença mais concreta e efetiva da classe dominante nos bairros operários, nas suas associações recreativas, em seus clubes de esporte, futebol, etc. Contudo, o tipo de denúncia se diferenciava entre os militantes anarquistas e comunistas. Os libertários afirmaram que:

“(...) Até hoje, aceitando o engodo dos interessados na perpetuação do *regimem* de exploração, temos corrido ao futebol, aos bailes, as *egrejas* e aos centros políticos de todos os matizes, descuidando o sindicato que é donde de fato o trabalhador adquire a consciência de si próprio, o valor da sua personalidade [...]”.³⁵

Nesse momento histórico, a preocupação predominante entre os comunistas era conectar a prática do futebol com a luta contra o regime de exploração vigente. Essa concepção não via no futebol, necessariamente, uma forma de alienação. Esses militantes não se posicionavam contra o futebol em si. Eles eram favoráveis ao que denominavam “futebol proletário” e críticos do que concebiam como “futebol burguês”.

No jornal comunista *A CLASSE OPERÁRIA*, em 1920, há a seguinte afirmação, que evidencia a perspectiva comunista sobre o futebol neste período:

³¹ 2000: 66.

³² “Os *clubs* de fábrica não eram vistos com bons olhos pelos militantes operários, taxando-os de esporte burguês, os clubes de fábrica como poderoso ópio do povo”. (ANTUNES: 1992: 43).

³³ O INTERNACIONAL, 01/05/1929.

³⁴ 1987: 88.

³⁵ O TRABALHADOR CHAPELEIRO, 01/05/1933.

“No mundo obreiro ninguém mais ignora que o *sport* bretão tem sido útil ao capitalismo para desviar a *atenção* das massas trabalhadoras dos seus sindicatos profissionais (...) Nós estamos a ver com *sympathia* a proletarização que do *foot-ball* se vem fazendo entre nós, com a fundação de departamentos *sportivos* junto às organizações operárias e *creação* de clubes nas fábricas, enfim, em toda parte onde existe consciência proletária. Entretanto, urge fazer um reparo: esse clubes, já em crescido numero deviam, todos, entrar num entendimento e ingressarem nas *sédes* dos *syndicatos*, onde ficariam em departamentos anexos [...]”³⁶

Comentando a posição anarquista, contrária à prática do esporte pela juventude, por esta supostamente enfraquecer e desvirtuar a consciência operária observava os comunistas ser preciso ter em conta que se os jovens não praticavam o esporte dentro do seu sindicato iria praticá-lo fora dele.³⁷

A mobilização permanente do operariado era um objetivo que apareceram nas discussões entre os militantes anarquistas e comunistas. O patronato na década de 30, juntamente com a ação do Estado, manteve uma persistente atividade, infiltrando-se nos sindicatos de ambas as tendências, na tentativa de atrelar estes à nova ordem e às novas formas de burocratização do Estado.

A partir de fenômenos como estes, abre-se a possibilidade de que nossa hipótese, que explicitamos acima, tenha condições de ter sua fertilidade comprovada. As fontes levantadas parecem comprovar que as perspectivas de anarquistas e comunistas contribuíram, efetivamente, para a percepção pioneira de nexos causais muito importantes da relação entre a consciência operária e o fenômeno futebolístico, fato que põe em discussão as afirmações de Fátima Antunes de que os dois grupos de revolucionários não demonstraram qualquer capacidade de contribuir para o debate da questão.

Não desejamos envergar a vara da ciência para o lado oposto, afirmando que libertários e marxistas tiveram uma compreensão plenamente adequada e livre de preconceitos; mas propomos a interpretação de que há uma dimensão muito relevante nas preocupações desses militantes com o possível uso do futebol como instrumento para a subordinação da cultura operária à cultura da classe dominante brasileira, possibilidade perversa que, em determinado grau, foi e ainda hoje é uma efetividade. Se for verdade que a recusa quase absoluta dos anarquistas em dar qualquer legitimidade ao futebol é insustentável e unilateral, e que a proposta comunista de um "futebol proletário" abria a possibilidade de levar as noções autoritárias stalinistas para a esfera do lazer operário, também é verdadeiro que ocorreu, como sublinharam libertários e marxistas, a utilização do futebol pelo patronato e pelo Estado como forma de subordinar a consciência operária a uma visão de mundo burguesa e a um nacionalismo autoritário.

BIBLIOGRAFIA

ANTUNES, Fátima M. R. F. . Futebol de Fábrica em São Paulo. Dissertação de Mestrado/Sociologia. FFLCH-USP. São Paulo, 1992.

³⁶ A CLASSE OPERÁRIA, 01/05/1928.

³⁷ DE DECCA:1987: 122.

ARAÚJO, José Renato C. . Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália. Dissertação de Mestrado/Sociologia. IFCH-UNICAMP, Campinas, 1996

AZEVEDO, Raquel de . A resistência Anarquista: uma questão de identidade (1927-1937). Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP, São Paulo, 1996.

BATALHA, Cláudio Henrique M. . Uma outra consciência de classe? O sindicalismo Reformista na primeira república. In: Ciências Sociais Hoje, 1990. ANPOCS.

_____. O movimento operário na Primeira República. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CALDAS, Waldenyr. O Pontapé inicial. Memória do futebol brasileiro. São Paulo: IBRASA, 1990.

CAVALCANTI, Jardel Dias. Os Anarquistas e a questão da moral: Brasil – 1889/1930. São Paulo: Cone sul, 1997.

DA MATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: Universo do futebol: Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DE DECCA, Maria Auxiliadora G. . A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo(1920/1934). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DULLES, John W. F. Anarquistas e Comunistas no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977, 2ª edição.

FAUSTO, Boris. Trabalho e Conflito Social. São Paulo: Difel, 1977, 4ª edição.

FOOT HARDMAN, Francisco. A Estratégia do Desterro: situação operária da política cultural anarquista/Brasil-1889-1922. Dissertação de Mestrado.UNICAMP. Campinas, 1980.

_____. Nem Pátria, Nem Patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1984, 2ª edição.

HALL, Michael M. & PINHEIRO, Paulo S. . Alargando a História da classe operária: organização, lutas e controle, p. 96-120. In: Libertários & Militantes: arte, memória e cultura anarquista, org. Antônio Arnoni Prado. Campinas, Remate de Males I, 1985.

MAGNANI, Silvia Lang. O movimento anarquista em São Paulo. Brasiliense, 1982.

MARCELLINO, Nelson C. Lazer e Educação. Campinas: Papyrus, 1990.

PEREIRA, Astrojildo. Formação do PCB – 1922/1928. Rio de Janeiro: Vitória, 1962.

PEREIRA, Leonardo A. de M. Footballmania: uma História social do futebol no Rio de Janeiro(1902-1938). Doutorado- História. IFCH-UNICAMP. Campinas, 1998.

PINHEIRO, Paulo S. & HALL, Michael M. A Classe Operária no Brasil: documentos(1889 a 1930), V. 1 – o movimento operário.

RAGO, Margareth. Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RODRIGUES, Edgar. Novos Rumos. História do movimento operário e das lutas sociais no Brasil (1922-1946). Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1976.

_____. Alvorada Operária. Os congressos operários no Brasil. Rio de Janeiro: Mundo Livre, 1979.

ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva/Edusp/Unicamp, 1993.

JORNAIS*

- A TERRA LIVRE
- O COSMOPOLITA
- O GRAPHICO
- A NAÇÃO
- A CLASSE OPERÁRIA

- O INTERNACIONAL
- O TRABALHADOR CHAPELEIRO

*Periódicos pertencentes ao acervo do Arquivo Edgar Leuenroth

Endereço Residencial: Rua João Jucá, nº 172, aptº 202, Ed. Panorama, Bairro Farol,

CEP 57051-390

Maceió – AL

E-mail: ululante@hotmail.com, eribertolessamoura@yahoo.com.br

Recurso tecnológico: Datashow